

## J. Barata-Moura e o Pensamento Filosófico Em Portugal

Manuel Gama (n. 1957)

Departamento de Filosofia e Centro de Estudos Humanísticos  
UNIVERSIDADE DO MINHO

*[...] interesse que sempre me acompanhou, e acompanha, de incluir no leque dos autores com quem habitualmente «converso» filósofos portugueses. Não por solidariedade bairrista ou por curiosidade paroquial, mas porque efetivamente integram um património com o qual, buscando compreensão e afinando a crítica, muito há que aprender.*  
(José Barata-Moura, *EFP*; 9)

### Nótula introdutória

Neste momento, em comunhão de júbilo com o recém-jubilado José Barata-Moura, após longos e profícuos anos de ligação à Universidade portuguesa, como professor, investigador e reitor (Universidade de Lisboa)<sup>1</sup>, em íntegro empenhamento, propomo-nos salientar alguns dos traços do seu pensamento com ligação à Filosofia em Portugal.

### 1

No seu livro, dedicado ao pensamento filosófico em Portugal<sup>2</sup>, no título, José Barata-Moura usa a expressão «Filosofia Portuguesa», enquanto no seu estudo dedicado ao pensamento filosófico em Portugal no século XX, inserido como um dos capítulos da

---

<sup>1</sup> É um homem multifacetado, reunindo as vertentes de professor, ensaísta, filósofo, reitor, músico: «Não se sabe quantos José Barata-Moura convivem num mesmo José Barata-Moura», António Pires, *José Barata-Moura. Canto & Autores*, s/l: Levoir, 2014, p. 1. Na vertente musical, ele não só foi criador como também soube absorver da ambiência em que mergulhou, conforme confessa: «[...] essas experiências de vida e esse contacto com a realidade [a vertente musical e o convívio com músicos de intervenção] tiveram muito mais peso no meu crescimento político do que a parte intelectual e os meus estudos de Filosofia. Embora era evidente que, assim como lia Platão, Aristóteles ou Kant... também lia Marx.» (*Ibid.*, p. 21).

Tem tido uma vida prática em consonância com os seus princípios: «A história – e, neste caso, sobretudo a história recente – é evocação ou apropriação de um momento ou de uma etapa de um processo que se está ainda prolongando e desenvolvendo nos nossos dias e para a determinação do qual a nossa prática social contemporânea é relevante. Daqui que a história – e, muito especialmente, a história recente – se prolongue no presente exigindo de nós uma tomada de posição.» José Barata-Moura, «Sobre o apregoado carácter “panfletário” da canção política de intervenção direta», in José Jorge Letria (1978), *A Canção Política em Portugal (da resistência à revolução)*, 2ª edição, Lisboa: Ulmeiro 1999, p. 13.

<sup>2</sup> José Barata-Moura, *Estudos de Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1998. Doravante, utilizaremos a sigla *EFP*, para nos referirmos a esta obra.

obra e editado, um ano antes, em publicação coletiva, na Alemanha, a expressão usada é «Filosofia em Portugal».

O autor não enveredou por uma divisão temática ou de orientação de correntes em Portugal, preferindo direcionar o que ele denomina de «Tópicos para um panorama da filosofia em Portugal no século XX», pela indicação – e caracterização do pensamento filosófico – de sete dos autores mais marcantes do panorama filosófico português, da centúria em causa, a que acrescenta alguns outros dentro de um panorama de cariz eclético, como F. Vieira de Almeida, Delfim Santos, V. Magalhães-Vilhena, Joaquim de Carvalho. Termina o seu estudo com uma referência à *Revista Portuguesa de Filosofia*, promovida pelos Jesuítas da Faculdade de Filosofia de Braga e, ainda, com a intenção de dar ecos acerca da renovação dos estudos da Filosofia em Portugal, apresenta um epílogo com uma dupla vertente: por um lado, anota a não existência de uma História da Filosofia em Portugal no século XX<sup>3</sup>; por outro, indica uma bibliografia especializada, com estudos parcelares, que, à falta de melhor, supriria aquela lacuna.

O conjunto de estudos compilados em *Estudos de Filosofia Portuguesa* não é propriamente um ensaio elaborado propositadamente com essa finalidade. Trata-se da reunião, em livro, de vários ensaios de extensão mais contida, publicados desde o início da década de setenta do século precedente – sobre o pensamento filosófico de Leão Hebreu<sup>4</sup> – até ao termo desse mesmo século, espelhando o fruto da atividade mental do homenageado, no âmbito do pensamento filosófico português, durante um período de quase três décadas.

José Barata-Moura, conforme pensamos ser a sua postura na vida, evita a polémica desnecessária e inútil, como acontece no que à *Filosofia portuguesa* ou *em Portugal* diz respeito. E fá-lo de forma declarada:

«Mais produtivo do que o desenterrar cíclico de polémicas em torno de uma alternativa abstrata entre “filosofia em Portugal” ou “filosofia portuguesa”, afigura-me ser o empenhamento – no meu caso reconhecimento modesto – de todos quantos em português pensam e escrevem no modelar, corporizar e vitalizar de uma tradição, plural e polifónica de compromisso com o filosofar.»<sup>5</sup>

Para, logo de seguida, se afirmar, de modo singelo, como caminheiro do filosofar, *inter pares*, mas em ambiente poliédrico e polifónico, em atmosfera de arco-íris: «Caminheiros dessa estrada, nela encontramos outros pensares, e nos encontramos com outros pensadores, num horizonte cultural de mediação histórica concreta do ser de que constituímos ingrediência e agência.»<sup>6</sup>

## 2

---

<sup>3</sup> Lacuna, entretanto, já preenchida com a *História do Pensamento Filosófico Português*, em 5 volumes (7 tomos no total), dirigida por Pedro Calafate, e editada entre 1999-2000.

<sup>4</sup> Os estudos sobre Leão Hebreu foram publicados em 1972, quando o seu autor tinha 24 anos.

<sup>5</sup> José Barata-Moura, *EFP*, p. 10.

<sup>6</sup> *Ibid.*

Antes que no seu livro, no nosso respigar linear, deparemos com os ensaios sobre o pensamento filosófico português, encontramos uma reflexão sobre o problema da existência, ou não, de uma História das Ideias, ensaiando responder à questão que ele próprio enuncia deste modo: «Em que sentido, ou em que sentidos, há uma historicidade das ideias?»<sup>7</sup> É que - não é por si olvidado -, há disciplinas afins e concorrentes, que disputam terrenos contíguos, ou até idênticos, como a “história dos conceitos”, a “história das mentalidades”, a “história da filosofia”.

Depois de percorrer um fundamentado caminho à volta desta temática – onde disserta sobre história das ideias, ideias sem história, historicidade das ideias, história e ideias -, conclui com considerandos vários sobre a especificidade da teoria das ideias em confronto direto com domínios afins<sup>8</sup>.

Relativamente ao objeto formal da história de um conceito, o Autor entende que este domínio é mais passível de se circunscrever na sua precisão e na sua singularidade em relação à história das ideias<sup>9</sup>.

Comparativamente com a história das mentalidades e a história da filosofia, é realçada a importância do contributo, dado por ambas, para a história das ideias. Concretamente, à história da filosofia é dado um relevo especial e é destacada a perspectiva segundo a qual este domínio entra decididamente numa história das ideias, «*não tanto – esclarece – como filosofia ou como mediação de um pensar filosófico* em sentido estrito, mas porque elas são produtos culturais e detêm uma eficácia ideológica, direta e indireta, sobre a conduta dos humanos.»<sup>10</sup> No entanto, elucida que quando a história das ideias indaga sobre a matéria filosófica, toma-a enquanto integrante da cultura geral.

Finalmente, é anotada a distinção entre a história das ideias e a história da cultura, advertindo para o perigo de aquela se converter nesta, que pelo seu número de elementos, pela sua estruturação estática e dinâmica, apresenta uma compreensão muito mais vasta.

Em considerando final, o Autor conclui: «Em suma, a *história das ideias* [...] poderá ser um campo epistemologicamente legítimo e desencadear investigações meritórias, interessantes e necessárias.»<sup>11</sup> No entanto, não se confunde nem com filosofia, nem com história da filosofia, embora não lhe seja adversa ou extrínseca. Aliás, observa, uma aprofundada história das ideias só será possível com uma firme base filosófica.

Sobre a existência de uma história das ideias, o ensaísta-professor remata, de forma quase aforística, esclarecendo a sua posição:

«Há uma “história das ideias”?  
Há.

---

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>8</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 33-26.

<sup>9</sup> Cf. *Ibid.*, p. 33.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 35. Itálico na fonte.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 36.

É interessante que haja.  
É desejável que venha a haver.  
Como campo epistemológico legítimo. No âmbito que lhe é próprio e que lhe cabe esquadrihar.  
Não como *tirocinante de sucedâneo* do que quer que seja.  
Coisa que nunca foi, a que – creio – não aspira, e que, de qualquer sorte, só em engenhosa fantasia poderá ser.»<sup>12</sup>

### 3

Reflexos, eventualmente, com vínculo à sua sensibilidade interior, José Barata-Moura insere no seu livro dois ensaios sobre o Amor, com base no pensamento de Leão Hebreu. Tema mais para a vivência do que para a cogitação, como ele próprio dá conta, mas que denota especial gosto em entrar neste labirinto: «*Escrever sobre o Amor, teorizar sobre o Amor?! Não é ele então algo cujo sentido eminente está numa vivência feita de uma presença em intimidade, e não num discorrer, algo que é mais do domínio do noético do que dianoético [...] ?*»<sup>13</sup>

Não é fácil uma “teorização” do Amor, mas tal não impede que o olhar perscrutador e indagador do filósofo lhe dê legitimidade na tematização dessa dimensão antropológica fundamental. Mas, afastando um pouco o véu à mecânica associada ao viver-pensar desta dimensão, ao modo de Denis de Rougemont no seu livro *O Amor e o Ocidente* (1939) esclarece: «eu escrevo, discorro, mas há uma vida que “de dentro” alimenta e fundamenta o meu discurso.»<sup>14</sup>

Seguem-se ensaios sobre João de Barros - autor da «mercadoria espiritual» ou *Ropicapnefma* -, sobre Miguel Bombarda, sobre Vieira de Almeida e, ainda, acerca do tema da saudade e o seu sopesamento.

No entanto, dentro do contributo de José Barata-Moura para o *pensar filosófico* de temas e de autores no contexto da cultura lusitana, queremos realçar o seu estudo “Tópicos para um panorama da filosofia em Portugal no século XX”, redigido em 1996, a pedido do *Ibero-Amerikanisches Institut* de Berlin.

Ao longo de vários tópicos, e de uma forma didática – recorde-se que o texto se destinava a interessados não portugueses -, são apresentadas as linhas mestras do filosofar português ao longo do século XX. O Autor toma a via dos autores para, no final, acentuar as linhas temáticas mais examinadas entre nós. Mostrando-se bom conhecedor da elite pensante em Portugal, nesse período, tal como o garimpeiro na busca da pepita, de uma forma sintética e lapidar, apresenta os mais lídimos representantes do *pensar filosófico* português. Inicia o seu périplo com a relevante dupla antinómica Miguel Bombarda e Padre Manuel Santana. Depois, passa para Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes, fazendo-lhes seguir, após caraterizar sinteticamente o

---

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 38. Do esclarecimento contido nesta citação do Autor, decorre a afirmação com que iniciámos este terceiro ponto.

pensamento de António Sérgio e de Bento de Jesus Caraça, três pensadores da mesma linhagem, mas de duas gerações diferentes; por um lado, Leonardo Coimbra e, por outro, Álvaro Ribeiro e José Marinho. Antes de passar para uma análise por assuntos, apresenta e caracteriza as linhas de pensamento de um conjunto de pensadores, que agrupa no âmbito do quadro universitário do magistério e da publicação: Francisco Vieira de Almeida, Delfim Santos, Vasco de Magalhães-Vilhena e Joaquim de Carvalho. Nas ideias destes filósofos vislumbra José Barata-Moura um duplo enfoque: por um lado, o exercício do pensar fora das doutrinações oficiais, contornando os constrangimentos da censura; por outro, evidencia que, em Portugal, o positivismo não era um imperativo, nem vê que existisse em pleno um “vazio de ideais”<sup>15</sup>

No último ponto dos “Tópicos”, o Autor envereda, então, por uma análise de caráter mais temático, procurando evidenciar as linhas de pensamento dominantes em Portugal no pós-II Guerra Mundial. Primeiramente, realça o início da publicação em Portugal, em 1945 – que se mantém até ao presente -, da *Revista Portuguesa de Filosofia*, por iniciativa dos Jesuítas da Faculdade de Filosofia de Braga, de pendor pelo pensamento neoescolástico. Numa tendência de âmbito diferente, vê-se o despontar filosófico orientado pelas mais recentes correntes como a da fenomenologia (e problemáticas conexas), do existencialismo, da filosofia alemã. A par disso – é anotado -, surgem interesses por um vasto leque de temas, que vão desde os estudos sobre a Filosofia em Portugal até às questões de Ética, Ontologia, Filosofia do Conhecimento e da Epistemologia, Filosofia da Linguagem, etc.

Numa visão global e conclusiva, o próprio Autor afirma: «Em síntese, poderíamos afirmar que os estudos filosóficos em Portugal têm conhecido nos últimos 30 anos [...] um desenvolvimento quantitativo e qualitativo sem paralelo nos períodos anteriores mais próximos.»<sup>16</sup> E em horizonte prospetivo, sondando o porvir a fazer – ainda parcialmente atual, apesar de passada mais de uma vintena de anos -, conclui numa dupla perspetiva: Primeiramente, dando conta de que, na sua leitura, «Muito há ainda, no entanto, para realizar, no sentido de consolidar um público leitor, de instituir reais condições de investigação e de intercâmbio internacional, de promover efetivos espaços de comunicação e debate, de alargar os círculos de interessados.» Apesar de tudo, entende que os caminhos trilhados e a trilhar têm horizontes animadores: «Penso que a vitalidade e a pluralidade das diferentes orientações que são imprimidas à reflexão filosófica portuguesa hodierna constituem uma garantia segura de que entraremos no século XXI, quanto a estas matérias, num clima de ascenso e não de recessão.»<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 269.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 278. Aquela afirmação tem mais de duas décadas. Nos últimos anos, não se tem visto despontar jovens que se evidenciem no panorama filosófico português, ou, então, não lhes é dado protagonismo. As circunstâncias académicas não têm sido favoráveis. As Universidades têm atualmente sete Licenciaturas de Filosofia (cinco nas Universidades públicas e duas na Universidade Católica) a formar jovens na “arte de bem pensar”. No entanto, a Academia – embora não tenha o exclusivo – continua a ser o local onde é mais favorável dar relevo ao aprofundamento dos saberes. E como as Universidades, por razões conjunturais, que se estendem aos vários domínios do emprego público, não têm admitido novos professores-investigadores, para os seus quadros, tornam mais difícil o despontar e a afirmação dos “novos” na coisa filosófica.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 279.

Em segundo lugar, em forma de constatação, mas também, certamente, em tom de lamentação, apercebeu-se de que, apesar da existência de alguns estudos parcelares sobre História da Filosofia em Portugal, ainda não havia uma obra que concentrasse esses vários ensaios, dando-lhe uma certa unidade-coerência. Felizmente, essa lacuna está preenchida<sup>18</sup>, embora, como em todos os empreendimentos, possa haver aperfeiçoamentos.

## Epílogo

Retomando as palavras acima de José Barata-Moura, sobre o desenvolvimento, quantitativo e qualitativo, dos estudos filosóficos em Portugal, dizemos nós agora que, sem dúvida, nas últimas quatro décadas e meia, o seu próprio contributo para este desiderato é considerável. Deixando de lado um outro José Barata-Moura das canções, e falando só da sua produção filosófica, com mais de uma vintena de livros e largas dezenas de artigos, tornam-no, certamente, presença certa nos atuais-futuros “Tópicos” para um panorama da Filosofia em Portugal nas últimas décadas do século XX e inícios do século XXI.

## Referências Bibliográficas

- Barata-Moura, José (1998), *Estudos de Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- “ “ (1978), «Sobre o apregoado caráter “panfletário” da canção política de intervenção direta», in José Jorge Letria, *A Canção Política em Portugal (da resistência à revolução)*, 2ª edição, Lisboa: Ulmeiro, 1999, pp. 11-23.
- Calafate, Pedro (Dir.) (1999-2000), *História do Pensamento Filosófico Português*, 5 volumes em 7 tomos, Lisboa: Caminho.
- Pires, António (2014), *José Barata-Moura. Canto & Autores*, s/l: Levoir.

---

<sup>18</sup> Veja-se a obra dirigida por Pedro Calafate, apoiada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, em sete tomos de 5 volumes, *História do Pensamento Filosófico Português*, *Cit.*